



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

Instituto de Humanidades e Letras

Bacharelado em Humanidades

**NEO TRIBALISMO EM ACARAPE-CE: COLETIVIDADE E RESISTÊNCIA
ATRAVÉS DA CULTURA POPULAR.**

ESTELANY SILVEIRA SOARES

REDENÇÃO

JULHO/2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA**

**Instituto de humanidades e Letras
Bacharelado em Humanidades**

ESTELANY SILVEIRA SOARES

**NEO TRIBALISMO EM ACARAPE-CE: COLETIVIDADE E RESISTÊNCIA
ATRAVÉS DA CULTURA POPULAR.**

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

**Orientador: Prof. Dr. RICARDO
CÉSAR CARVALHO NASCIMENTO.**

REDENÇÃO
JULHO/2017

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	1
2- OBJETIVOS.....	4
3- JUSTIFICATIVA.....	5
4- REVISÃO DE LITERATURA.....	8
5- METODOLOGIA.....	16
6- REFERÊNCIAS.....	21

1-INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão vem adentrar ao mundo das “Tribos Urbanas”, um termo que embora pareça remeter ao selvagem e ao arcaico ou simplesmente ultrapassado, reflete mudanças em nossa sociedade. Em um país tão grande geograficamente como o Brasil e de diversidade étnica e cultural sem precedentes, percebemos claramente a segmentação e a hierarquização socioeconômica a que estamos submetidos, nesse sentido as sociedades estão buscando refúgios em grupos e simultaneamente formando redes, onde o pertencimento e as relações estão se construindo de forma rápida e espontânea, mas não menos organizada, e delimitada por estruturas de sociabilidades que regem as relações internas e externas.

Entender a mudança da concepção da modernidade em que o sujeito e o individualismo migram para as relações comunitárias e coletivas tem sido campo de estudos dos inúmeros campos das Ciências Sociais. Segundo Maffesoli “a metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela”. (MAFFESOLI, 2014, p.10)

Diversos fatores contribuem para a formação e consolidação dessas tribos, o espírito da coletividade e o censo comunitário são essenciais, e para que isso ocorra é necessário que o sujeito esteja munido de uma identificação com aquela comunidade, eles precisam partilhar algo, desejar ou simplesmente possuir os mesmos objetivos. O caráter emocional é predominante nessas relações e nas construções que antecipam a entrada, ou não, desses sujeitos em suas respectivas tribos desejadas.

Desta forma, pretendemos perceber e entender como se articulam determinados movimentos a partir dessas relações que se estabelecem dentro das tribos, em um contexto multicultural que congrega elementos onde o foco é a contestação e a militância política realizada através da dimensão artística oriunda de caracteres da cultura popular afro-brasileira.

A pesquisa tem como foco o estudo das atividades culturais de um grupo denominado “Os Artivistas” que através da articulação e do fomento de atividades culturais no município de Acarape-Ce, promovem o resgate da cultura popular e afro-brasileira, gerando o debate e a

reflexibilidade entorno da criação e manutenção de políticas públicas que assegurem aos artistas locais, visibilidade, espaços para se apresentarem e valorização das suas performances através de ações pensadas a partir da realidade em que esses grupos estão diretamente inseridos. O grupo tem como principal linha de atuação o resgate da cultura popular e cultura afro-brasileira, através de diversos segmentos articulados no interior do coletivo, tais como: capoeira, teatro, dança, música de raiz e cantigas de terreiro. Sua principal vertente de trabalho além do caráter estético e artístico é propor a reflexibilidade e a discursão coletiva dos diversos traços e aspectos de resistência e da luta das culturas subalternizadas em nossa sociedade. O caráter de resistência das classes subalternizadas é amplamente explorado pelo grupo o que caracteriza-o como ferramenta de mobilização social, reflexão, discursão e proposição de um diálogo da sociedade civil e poder público.

O grupo, em seu núcleo coordenativo, agrega cinco integrantes; uma deles é a responsável pela parte gerencial e burocrática. Trata-se de uma produtora cultural, que possui uma considerável experiência na militância em movimentos sociais desde a adolescência quando se engajou nos movimentos estudantis; duas outras pessoas cuidam da parte técnica das ações, ou seja, cuidam dos equipamentos e da estrutura das atividades, pelo fato de possuírem entre seus bens pessoais os equipamentos que o grupo necessita, que eles voluntariamente cedem para realizar as ações. Trata-se de um casal que também possui uma trajetória de militância política nos movimentos sociais. Um professor de capoeira que atende em torno de 50 usuários em duas turmas de diferentes faixas etárias (uma de crianças e outra de adultos), importante ressaltar que esse professor iniciou-se na capoeira também através de ações voluntárias e comunitárias, e hoje ele utiliza esse aspecto da sua trajetória com fins motivacionais para suas turmas e, por último, um articulador para os grupos de teatro e ações de arte e educação. No município de Acarape o segmento de artes cênicas possui dois grupos teatrais, um na sede do município e outro no distrito de Canta Galo, o articulador do teatro realiza também um trabalho com um grupo de contação de histórias para crianças, quinzenalmente eles se reúnem em um espaço público e realizam apresentações lúdicas para as crianças da cidade de Acarape. O grupo conta ainda com uma rede de colaboradores externos que incluem uma dupla denominada “As Negas”, que fazem apresentações de Coco, Músicas de Raiz e Cantigas de Terreiro e um artista plástico que trabalha com grafite e arte urbana que, frequentemente, realiza intervenções nos espaços públicos da cidade.

O grupo realiza um trabalho articulador importante dentro do município, que consiste em mapear as manifestações artísticas, realizar um diagnóstico dos grupos locais e promover uma integração mais ampla entre eles e a comunidade, além de mediar a comunicação desses grupos com o poder público municipal.

Com base nessa articulação interna, o grupo promove a visibilidade das manifestações artísticas locais, através da realização de feiras, saraus temáticos, viradas culturais. Todas essas atividades são gratuitas e abertas ao público em geral, atuando como ferramenta de propagação de elementos da cultura popular brasileira e afro-brasileira, promovendo principalmente espaços de reflexão e debate sobre as condições subalternizadas e hierarquizadas a que nossa sociedade está inserida e instrumentalizando sobre as diversas formas de resistência que a cultura popular e suas manifestações permitem.

A cultura popular, enquanto movimento de resistência, permite expressar, visibilizar e multiplicar através de linguagem própria, acessível e representativa, aspectos que se referem ao mundo real causando a identificação, o sentido de pertencimento e o despertar coletivo para as condições de opressão e marginalização.

O ativismo constitui-se como a junção de arte e ativismo, embora segundo Mourão, arte e ativismo caracterizam-se por aspectos distintos: “arte situa-se de forma exclusiva no simbólico enquanto o ativismo opera ações simbólicas que intervenham ativamente no real; arte constitui-se a partir do individual enquanto o ativismo suscita uma ação coletiva; arte reinterpreta o mundo enquanto o ativismo visa transformar o mundo”. (MOURÃO, 2015, p.2)

Apesar da distinção entre esses aspectos o ativismo tem se consolidado como representação popular em busca da ressignificação de direitos e da visibilidade dos meios subalternizados, o autor ainda entende essa relação entre arte e ativismo como um fluxo que age nos dois sentidos, na contestação de rua encontram-se usos criativos de linguagens artísticas, também na arte contemporânea as criações em torno da dimensão política são uma das tendências mais significativas, “Do protesto da rua para o espaço artístico e deste para a rua” (MOURÃO, 2015, p.3)

2- OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL.

O objetivo da referida pesquisa é analisar as atividades culturais do grupo os ARTIVISTAS do município de Acarape-Ce com foco nos movimentos de resistências assentados nas manifestações da cultura popular e afro-brasileira.

OBJETIVOS ESPECIFICOS.

1. Averiguar como as atividades artísticas constituem uma forma de ativismo político, cultural e sociabilidade grupal.
2. Compreender a relação entre a formação de tribos urbanas e a ação política cultural.

3- JUSTIFICATIVA.

A construção de laços é meio comum na busca da sociabilidade seja em seu caráter individual, do sujeito com ele mesmo ou na relação com seus pares; bem como na adequação do sujeito ao meio a qual ele pertence ou deseja pertencer. Descrever a realidade através do estudo dessas relações que se estruturam no caráter emocional e na natureza elementar da sociabilidade das comunidades nos traz a reconhecer a solidez que o coletivo representa e através dessa coletividade o reconhecimento do próprio homem.

“Seja no quadro das redes das pequenas células conviviais ou pela ótica do cabaré, ao gosto dos frequentadores, a emoção coletiva é algo encarnado, algo que joga com o conjunto das facetas daquilo que o sábio Montaigne chamou *l’hommerie*: esse misto de grandeza e de infâmias, de ideias generosas e de pensamentos mesquinhos, de idealismo e de arraigamento mundano, em suma, o homem” (MAFFESOLI, 2014, p.22)

As estruturas que mantêm a coesão e a constância das atividades do grupo pesquisado tendem a levar em conta as chamadas, “Leis do meio”, que para Maffesoli, “cada um à seu próprio modo está sujeito à regras, e essas regras é que vão caracterizar o grupo, inclusive suas maneiras de selecionar e captar os seus membros”. (MAFFESOLI, 2014, p.27)

Embora o termo “tribo” nos remeta a uma condição arcaica, entende-se que o Neo Tribalismo tratado aqui caminha em paralelo com a inovação tecnológica e com o desenvolvimento e o dito “Progresso” das sociedades, devendo ser, portanto, tratado e discutido com a devida relevância epistemológica.

É nessa conotação de metáfora que o termo “Tribos urbanas” será tratado nessa pesquisa, porquanto não como categoria pois não se aplicam as definições e os estudos relevantes para lhes conferir os conceitos necessários. Segundo Magnani “apenas a partir de um estudo etnográfico em que seriam feitas análises sistemáticas do estabelecimento de laços de sociabilidade, a ênfase nos ritos de passagem, a presença de códigos de diferenciação, as formas de uso e apropriação do espaço urbano, as modalidades preferidas de entretenimento e lazer, entre outras características que permitem personificá-los”. (MAGNANI, 1992, p.51)

O presente estudo visa perceber como o grupo Artivistas se articula enquanto coletivo, à medida que é composto por diversos segmentos culturais e ideológicos que partilham de uma rede colaborativa de resistência e luta política cultural e como utilizam suas respectivas

produções artísticas, bem como as ferramentas de gestão cultural em busca de promover a cultura popular e afro-brasileira, seja nos movimentos de rua ou nos espaços políticos em que se inserem.

A pertinência desta pesquisa deve-se ao fato de que, a cultura popular constitui-se instrumento de propagação e reprodução de elementos da cultura contra hegemônica dispostas em um meio livre e acessível, insurgindo uma parcela da sociedade através da linguagem e de plataformas onde é possível se expressar uma visão de mundo que inclui, que empodera, que não delimita espaços e nem impõe identidades, criando e apoiando comunidades políticas libertárias que se rebelam contra a opressão e a subalternização produzidas pelo poder hegemônico que se apresenta na sua forma mais perversa machista, homofóbica, racista, sexista e xenófoba.

A pesquisa possibilitará, através da visibilidade conferida pelo levantamento de dados etnográficos, apontar para uma reflexão a partir das atividades praticadas pelo grupo Artivistas, dessa forma outros coletivos que também realizam atividades semelhantes conseguirão se identificar através dessa práticas e reconhecer-se enquanto tribos e enquanto ativistas políticos cada qual dentro de suas especificidades e contextos diferentes. Levando em consideração o contexto na qual o grupo estudado se insere, fora da capital e do circuito urbano, onde a visibilidade é mínima e o reconhecimento das ações culturais estão à margem do que é considerado hegemonicamente como cultura, encontrar coletivos que se identificam e se reconhecem enquanto semelhantes, possibilita a troca de conhecimentos e o compartilhamento de experiências, bem como a formação de redes de cultura e fomento da economia cultural e criativa.

Além do fortalecimento de vínculos internos e externos dos grupos culturais que congregam da mesma matriz ideológica contra hegemônica a pesquisa apresenta importante relevância no que se refere ao uso e ressignificação de elementos da própria cultura popular e afro-brasileira, especialmente no contexto em que a cidade de Acarape está inserida, pensando a partir da UNILAB e suas características peculiares, que agrega elementos advindos do continente africano que estão diretamente inseridos no contexto social, econômico, cultural e dinâmico da cidade, visto que os estudantes estrangeiros realizam um fluxo de partilhas no âmbito cultural, onde eles também produzem e consomem cultura. Nesse sentido permitirá fortalecer e valorizar a identidade negra do nosso povo, promoverá a criticidade no que tange à aspectos que envolve o combate ao racismo e a desigualdade social, a luta contra a subalternização e o combate à reprodução do *status quo* capitalista que mata, segrega e oprime.

O conhecimento e o saber científico, produzido seguindo critérios críticos-reflexivos e fundamentados na luta por uma sociedade não “mais justa “, apenas “justa” no sentido da equidade. Lutando diariamente contra uma dominação das mentes, segundo a qual Maffesoli afirma o quanto “é particularmente irritante para os poderes que, naturalmente, pretendem dominar os corpos, mas que sabem muito bem que, para que esse domínio tenha longa duração, é necessário que ele seja acompanhado pelo domínio das mentes.” (MAFESOLLI, 2014, p.93)

Partindo para as relações que se estabelecem dentro do grupo pesquisado e analisando a partir da inserção e da trajetória do núcleo coordenativo, percebe-se o caráter revolucionário, insurgente e militante dos envolvidos. Trajetória essa que vem pautada de forte carga crítica e reflexiva acerca da luta contra os processos predatórios capitalistas e de reprodução das ideologias opressoras neoliberais, que estruturam e consolidam as desigualdades sociais da sociedade brasileira.

Na análise preliminar de reconhecimento do grupo pesquisado os traços adquiridos pelo núcleo coordenativo através das experiências comuns vividas no âmbito do movimento estudantil, possuem relevância decisiva. Essas experiências são frequentemente relatadas como um referencial, operando também como um aspecto motivacional, apregoados de ideologias libertadoras, permitindo ao núcleo adentrar em espaços estratégicos e atingir um público específico que se identifica e se reconhece enquanto potência libertadora.

Essa característica permite ao grupo atuar enquanto catalisador de forças em favor de uma nova configuração social, permitindo um novo recorte dos movimentos de resistência cultural e artística no combate aos processos homogeneizadores, em defesa da territorialidade, na afirmação das identidades coletivas, na produção ética e estética de insumos culturais que ressignificam suas linguagens, epistemologias e subjetividades.

4- REVISÃO DE LITERATURA.

A conceituação de tribos urbanas seja ela “categoria “ou “metáfora” entre os mais diversos campos de conhecimento deve passar por constantes ressignificações para tender a urgência dos contextos em que ela vai ser aplicada. Magnani (1992) ao se referir ao termo “Tribos Urbanas”, faz um contraponto entre o sentido usual em que “tribo” se constitui como uma forma de organização mais ampla e abrangente que perpassa para além das divisões de clã e parentesco e se direciona para as relações de lealdade. O autor aponta um sentido oposto quando se trata de sociedades urbanizadas contemporâneas em que “tribos” refere-se a grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado urbano. No sentido das comunidades tradicionais, entende-se como algo amplo, enquanto na contemporaneidade chama por recortes e particularismo.

A relação entre a formação de tribos e a ação político cultural é estritamente conveniente quando se trata da afirmação de uma identidade grupal insurgente, no sentido que ela promove a união em torno de uma ideologia contra hegemônica que visa menos legitimar uma identidade grupal, do que refletir e instrumentalizar integralizando às lógicas da resistências nos processos socioeconômicos e culturais vigentes. Entretanto, na construção dessa identidade grupal, Campos (2010) percebe certos elementos que favorecem o processo “à relevância da criatividade e a adaptação dos bens de consumo, inventando novos discursos que anulam ou subvertem os regimes discursivos hegemônicos”.

“O exotismo visual e agregador da imagem que atua como elemento chave para a descodificação de dinâmicas conflituais de classe e de distinção entre grupos (mods, skinheads, teds, rastas, etc.)”, permitindo que a ressignificação e reconfiguração desses elementos sejam utilizados para provocar, chocar e questionar as ideologias hegemônicas excludentes e desafiar o poder”. (CAMPOS, 2010, p. 115)

O autor faz ainda uma relação entre identidade e representação enquanto conceitos que nos “permitem investigar eventuais conexões entre os circuitos de produção, difusão e consumo de significados e mecanismos de configuração identitárias através dos sistemas de simbolização visual” (CAMPOS, 2010, p.117). Trata-se da incorporação de significados às nossas práticas, refletindo sempre sobre a natureza políticas desses processos onde a reprodução

de um status quo é apregoada de recursos ideológicos subordinados a um princípio que busca silenciar e deslegitimar aquilo que não se enquadra nos padrões normativos neoliberais vigentes.

Entender a significação que a arte evoca dentro dos movimentos artísticos populares, coloca-os à margem do sentido que é atribuído pelas estruturas que enquadram e reconhecem aquilo que verdadeiramente é arte, Mourão (2015) entende que “a arte é validada pelos meios de legitimação econômica e institucional, segundo o autor são duas visões que se contrapõe, em uma delas a arte é entendida como expressão da alma, manifestando representações únicas de formas sensíveis, que no pensamento de artistas contribuem para alimentar o espírito humano, entretanto percebe-se que a arte vem emoldurada por outras dimensões que lhes são atribuídas culturalmente, politicamente e principalmente economicamente e essas dimensões são impostas por estruturas privadas, e por vezes estatais, que gerem o mercado da arte dentro de um sistema elitizado e monetariamente lucrativo”.

“As éticas de resistências às lógicas hegemônicas ficam relegadas para processos de mansa estetização de acordo com convenções, gostos e interesses do mercado, das elites ou do estado, que anulam a possibilidade da diferença aos padrões dominantes da arte e reduzem a liberdade de expressão. Ainda assim, pela sua identidade criativa há sempre artistas e curadores a transgredirem essas limitações, mesmo dentro do sistema” (Mourão, 2015, p.59)

Ainda segundo o autor é “na rua que a ligação entre arte e ativismo aparece de forma mais crua e pragmática, é consenso nos meios acadêmicos e artísticos a dimensão política da arte” (Mourão, 2015, p.6). Nesse contexto, através de seus instrumentos, a arte com suas linguagens e sentidos, promove performances, dramatizações, instalações que justificam o termo “artevismo”.

“Há quem desvalorize os recursos artísticos em ações políticas de rua por achar que retiram a credibilidade das próprias exigências políticas, reduzindo-as à um folclore inútil, mero espetáculo alienante que distrai dos conteúdos sociais que realmente importam”. (MOURÃO, 2015, p.7)

Nesse sentido é importante a desalienação do olhar do espectador, o autor ainda reforça que “as ações artivistas por serem efêmeras, alternativas ou minoritárias, podem ser desvalorizadas, no entanto, precisamente pelo caráter excepcional, quando acontecem são extremamente poderosas na sua intensidade”. (MOURÃO, 2015, p.8)

A arte dentro de um contexto social como o que nos encontramos, imerso em desigualdades, especulações, corrupção e abalos éticos tem a função de subverter o *status quo* e fazer evidenciar-se as culturas subalternizas, marginais e que possuem a cor e a voz do povo.

“A emergência do termo *Artivismo*, como categoria analítica, marca um interesse, político e teórico, em formas de ação que não se esgotam na taxonomia da provável orientação ideológica dos participantes, nem na possível funcionalidade que possam cumprir nos jogos políticos-eleitorais e midiáticos das democracias representativas, cuja explicação não termina na identificação dos fatores contextuais, históricos ou socioeconômicos que fomentaram sua erupção. Por um lado trata-se de formas histórica e simbolicamente associadas ao ativismo, ao protesto, a irrupção de processos coletivos de auto-organização, denúncia, e reivindicação de direitos, acirrados em momentos de crise econômica e social, que mesmo quando relativamente autônomos em relação às estruturas organizativas e instituições precedentes (partidos, sindicatos, movimentos setoriais), mobilizam recursos e repertórios próprios do campo de relações que nos acostumamos a chamar de política” (GIOVANNI, 2015, pág. 2)

No contexto das tribos urbanas, o artivismo atua como reinvenção e reorganização das práticas artísticas e criativas, organizando as ideologias e agregando coletivamente aqueles que se identificam e incorporam os mesmos ideais políticos, nas apenas como remodelagem ou reprodução de velhas formas de fazer a política, mas reestruturando-a desde as suas bases.

“Longe de representar um “estetização” do fazer político em que as formas do poder mudariam de “roupagem” ou “estilo”, permanecendo estruturalmente iguais, as formas de mobilização sensorial, perceptiva e subjetiva implicam em deslocamentos dentro da própria política, expandindo seus significados, quando não rompendo com seus modos de fazer que a separavam daquilo que era considerado não-político.” (GIOVANNI, 2015, p.5)

Consolidar formas de insurgência dentro de grupos que essencialmente são peculiares e heterogêneos em sua composição, inicialmente nos leva a perceber a relação entre os sujeitos e a sociedade, no sentido de como o sujeito é influenciado pelo seu meio e como ele se torna subproduto desse meio, para esse entendimento Setton sugere que através da análise dessa nova configuração cultural em que “o processo de construção dos habitus individuais passam a ser mediados pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias, em espaços plurais de múltiplas relações sociais” (SETTON, 2002, p.60).

“Habitus como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas” e conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e realidades individuais, nessa relação entre indivíduo e sociedade implica dizer que “o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados” (SETTON, 2002, p.63).

No contexto do ativismo em tribos urbanas o habitus segundo Setton atua justificando a insurgência pois ele “não expressa uma ordem social funcionando pela lógica pura da reprodução e conservação; ao contrário, a ordem social constitui-se através de estratégias e de práticas nas quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer da história” (SETTON, 2002, p.65).

Nesses processo de adaptação na modernidade, os indivíduos permeiam relações de aproximações que possibilitam a ressignificação de suas identidades, Bauman reforça os benefícios e a sustentabilidade de se viver em meio às diferenças.

“Ao contrário do passado, a realidade de viver na estrita proximidade de estranhos, é algo que chegou para ficar, nesse sentido se exige que se desenvolvam ou adquiriram-se habilidades que possibilitem a coexistência com diferentes modos de vida” (BAUMAN, 2013, p.38).

Setton (2002) considera possível pensar o habitus do indivíduo da sociedade atual formulado e construído a partir de referências diferenciadas entre si, ela entende habitus como um “Processo simultâneo e sucessivo de uma pluralidade de estímulos e referências não homogêneas, mas necessariamente coerentes”. (SETTON, 2002, p.66)

“A possibilidade de pensar o surgimento de um outro sujeito social, pensando a constituição da identidade social do indivíduo moderno a partir de um habitus híbrido, construído não apenas como expressão de um sentido prático e automático, mas a partir de uma memória em ação e construção.” (SETTON, 2002, p.66)

Esse deslocamento na construção de um sujeito social a partir da pluralidade evidencia o turbilhão cultural em que vivemos e principalmente o caráter líquido da modernidade onde substancialmente as cultura se localizam.

“Em outras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho, com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa

chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas onívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva”. (BAUMAN, 2013, p.8)

Historicamente, a cultura passou por inúmeras fases e invocou diversos apelos, Bauman enfatiza que inicialmente a cultura foi empreendida como uma “tentativa de educar as massas e refinar seus costumes” (BAUMAN, 2013, p.12). O autor traz um paradoxo entre a cultura e a agricultura (associado aos lavradores e aos campos por eles cultivados); num segundo momento histórico a partir de um projeto iluminista a cultura foi conferido o objetivo da construção de uma nação, a isso soma-se a perspectiva da colonização, onde emergiu a visão de “esclarecimento do povo” e o conceito de “missão do homem branco” e de “salvar o selvagem de seu estado de barbárie” (BAUMAN, 2013, p.13-14). A teoria cultural evolucionista atribuiu à sociedade “desenvolvida” a função de converter os demais habitantes do planeta.

O autor entende que a partir do momento em que a modernidade transcende seu caráter “sólido” para um caráter “líquido”, e ele utiliza o termo líquido para denominar o formato atual da condição moderna, “pois assim como os líquidos, nenhuma das formas da vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo”. Nesse sentido ele enfatiza que a cultura perdeu a função de “servir de uma hierarquia social que se reproduz a si mesma”, ela passou a atender às necessidades do indivíduo, resolver problemas e conflitos individuais. (BAUMAN, 2013, p.16).

“Pode-se dizer que em tempos líquidos-modernos, a cultura (e, de modo mais particular, embora não exclusivo, sua esfera artística) é modelada para se ajustar à liberdade individual de escolha e à sua responsabilidade, igualmente individual, por essa escolha; e que sua função é garantir que a escolha seja e continue a ser uma necessidade e um dever inevitável da vida, enquanto a responsabilidade pela escolha e suas consequências permaneçam onde foram colocadas pela condição humana líquido-moderna-sobre os ombros do indivíduo, agora nomeado para a posição de gerente principal da “política da vida”, e seu único chefe executivo”. (BAUMAN, 2013, p.17)

Nesse contexto de uma modernidade líquida onde as relações constituem-se em seu caráter efêmero e fluido, as tribos urbanas se consolidam enquanto espaços de partilhas e insurgências, incide nesse contexto o poder das elites de forma mais influente, na tentativa de deslegitimar sua atuação, fragmentando suas relações e impedindo suas conexões em redes com outras formas de coletivos que partilham dos mesmos ideais ideológicos. Bauman é enfático em

afirmar que a velha estratégia do “dividir para governar” ainda se consolida como uma das ferramentas mais eficazes na desestruturação dos grupos ideológicos contra hegemônicos. (BAUMAN, 2013, p.42).

Esses espaços de partilhas e insurgências socializados pelos membros das tribos constroem-se por um desejo, uma necessidade de estar juntos, não necessariamente por um objetivo concreto.

“Entrar (in-gresso) sem progredir (progresso), eis o que parece estar em jogo para as nossa tribos contemporâneas. Elas não tem a esperar um fim, um projeto, econômico, político, social, a realizar. Elas preferem “entrar dentro” do prazer de estar juntos, “entrar dentro” da intensidade do momento, “entrar dentro” da fruição desse mundo tal como ele é” (MAFFESOLI, 2007, p.98)

Nascimento (2011) faz um diálogo com Maffesoli em que discuti essa característica da conexões pelo prazer de estar juntos, ele aponta uma fragilidade nessas estruturas grupais quando ressalta que os vínculos que conectam os elementos de um grupo seriam frágeis e efêmeros, sugerindo que no transcorrer de um grupo, poderiam surgir inúmeras circunstâncias que abalariam a continuidade do grupo, entretanto ele faz também uma relação de valorização da força do “Estar dentro” como razão para o fortalecimento e continuidade do grupo.

“Os vínculos que conectam os elementos de grupo, segundo o autor, seriam frágeis, efêmeros, circunstanciais e contingentes, sugerindo que a tribo dissolver-se-ia tão logo o elo estético fosse desenlaçado. É indubitável que no percurso biográfico de um grupo inúmeras circunstâncias podem abalar a continuidade do coletivo, mas não seria prudente desvalorizar o vínculo ético e de outras nuances da sua existência, e por outro lado sobrevalorizar o domínio do “sentir coletivo” como razão primordial da pertinência e continuidade de um grupo.” (NASCIMENTO, 2011, p. 53)

Não podemos desprezar as demais características que fundamentam a consistência e a relevância desses agrupamentos, Maffesoli é enfático em afirmar que “as tribos urbanas acentuam a urgência de uma socialidade empática: partilha de emoções, partilha de afetos”. O autor lembra da “importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social”. (MAFFESOLI, 2007, p.100).

“É preciso retomar o mecanismo de participação mágica: dos outros (tribalismo), do mundo (magia), da natureza (ecologia). Em cada um destes casos, não tem mais sentido o fechamento na fortaleza de seu espírito e numa identidade (sexual, ideológica,

profissional), intangível e, sim, no gastar-se, na entrega e outros processos de “perda”, colocando o acento na abertura, no dinamismo, na alteridade, na sede de infinito” (MAFFESOLI, 2007, p.100)

Maffesoli ainda afirma que “ao contrário do universalismo abstrato, próprio das filosofias modernas, o tribalismo coloca em jogo um complexo processo feito de participação mágica, de interações múltiplas, em harmonia com as pessoas e as coisas” (MAFFESOLI, 2007, p.101).

“A sua complexidade, o seu aspecto complicado necessita de uma compreensão na abordagem. Daí a necessidade de pensar, de forma orgânica, as sucessivas sedimentações que constituem a socialidade, a saber, o sentimento de pertença, o colocar-se em rede horizontal, a simbiose do afeto, e os processos de contaminação que tudo isso faz suscitar”. (MAFFESOLI, 2007, p.101)

Esse complexo processo encontra-se diluído nas estruturas dos coletivos, de forma que muitas vezes as forças que se evidenciam do interior desses coletivos possuem uma incidência e uma preponderância que não estava sendo esperada, mostrando assim toda sua potência, em especial, nas situações em que recebem estímulos que despertam o sentimento de partilha, solidariedade e comoção comunitária.

Vivemos hoje em uma sociedade intrinsecamente marcada pelo desencantamento e pelas relações que se estruturam em contratos e normatizações impostas e delimitadas a partir de concepções que permeiam a racionalidade. Maffesoli visa uma passagem “da ordem da política para a ordem da fusão”, ele entende que a ordem política privilegia os indivíduos e suas associações contratuais e racionais, enquanto à fusão acentua o caráter afetivo e sensível. Essa fusão enquanto metáfora propõe experiências em que se evidenciam a desindividualização, os cruzamentos, as interações e as formações grupais. (MAFFESOLI, 2007, p.130).

Maffesoli exprime que para percebermos tais experiências devemos partir de uma abordagem estética, ele entende o termo estético enquanto a faculdade de comum de sentir e de experimentar.

“Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a efervescência do neotribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente” (MAFFESOLI, 2014, p.134)

Essa forma de abordagem segundo Maffesoli privilegia a função emocional e os mecanismos de identificação, de participação que lhes são subsequentes. Acontece o que ele chama de “Teoria da identificação da simpatia”.

“O que ele chama de “teoria da identificação da simpatia” permite explicar as situações de fusão, esses momentos de êxtase que podem ser pontuais, mas que podem, também, caracterizar o clima de uma época. Essa teoria da identificação, essa saída extática de si está em perfeita congruência com o desenvolvimento da imagem, com o desenvolvimento do espetáculo (desde o espetáculo *stricto sensu* até as demonstrações políticas) e, naturalmente, com o desenvolvimento das multidões turísticas ou, simplesmente, das multidões de basbaques.” (MAFFESOLI, 2014, p.136)

Essa aproximação permite construções diversas sejam de identidades individuais, margeadas pela identidade coletiva; ou de laços e relações que ultrapassam o meio coletivo, ou que se restringem exclusivamente ao momento. Todas essas construções tem em comum o sentimento de partilha e as dimensões afetivas e sensíveis do indivíduo.

5- METODOLOGIA.

Nas ciências humanas a pesquisa tem alcançado através de suas abordagens e resultados produzir um conhecimento que tanto serve de direção para o desenvolvimento de políticas públicas, quanto para a testagem de novas abordagens, descobrir novos tipos de relações, bem como documentar efeitos de intervenções. Flick traz a definição de pesquisa social:

“Pesquisa social é a análise sistemática das questões de pesquisa por meio de métodos empíricos (p. ex., perguntas, observação, análise dos dados, etc.). Seu objetivo é fazer afirmações de base empírica que possam ser generalizadas ou tesar essas declarações. Várias abordagens podem ser distinguidas e também vários campos de aplicação (saúde, educação, pobreza, etc.). Diferentes objetivos podem ser buscados, variando desde uma descrição exata de um fenômeno até sua explanação ou avaliação de uma intervenção ou instituição.” (FLICK, 2013, P. 18)

A pesquisa pode assumir diversas abordagens, entretanto, de forma geral podemos diferenciar entre duas formas: a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa. Essas abordagens variam de acordo com o objetivo da pesquisa, contudo podem ser utilizadas de forma individual, ou paralelamente. Flick (2013) define alguns pontos que diferenciam as duas formas de pesquisa, a pesquisa quantitativa necessita de um ponto de partida para ser testada, é orientada para a representatividade, amostragem idealmente aleatória, padronizada, estatística e possui um sentido estatístico para a população; enquanto a qualitativa possui um ponto final a ser desenvolvido, intencional de acordo com a fecundidade do caso, aberta, interpretativa, e possui um sentido teórico.

A metodologia utilizada na pesquisa em questão terá caráter qualitativo, em que serão empregados diversos métodos em virtude da segmentação do grupo. A escolha da abordagem qualitativa permitirá uma alcance mais abrangente das análises.

Um estudo qualitativo tem por característica a análise subjetiva dos dados coletados. O pesquisador tem um papel fundamental na condução dos seus estudos, pois a partir da escolha dos métodos será ele quem vai definir como se dará a inserção em campo, a forma de coleta dos dados e como se realizará a interpretação desses dados, torna-se importante nesse momento em que vão se delimitar os aspectos prático das pesquisa levar-se em consideração o objetivo da pesquisa e o campo estudado.

Creswell define a pesquisa qualitativa incorporando elementos que Denzin e Lincoln consideram substanciais como a constante mutação da investigação qualitativa que aborda desde as construções sociais, o interpretativismo e a justiça social no mundo.

“Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros, e lembretes para a pessoa. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem.” (Denzin e Lincoln, 2011, p. 3 apud CRESWELL, 2014, p. 49)

Creswell (2010) aponta algumas características do método qualitativo que podemos ligar diretamente ao objeto da pesquisa proposta, como a coleta de dados sendo realizada no ambiente natural em que os sujeitos vivenciam suas atividades através da observação participante; nas conversas com os participantes sejam eles diretamente ligados ao grupo ou observadores presentes nas atividades; a interação face a face proporcionando uma observação direta dos comportamentos; o papel atuante e fundamental do pesquisador, onde ele constrói seus próprios instrumentais e decide a melhor forma de aplicabilidade; a multiplicidade de fonte de dados a partir das segmentações que o grupo assume, seja ela nas intervenções de rua, nos saraus, nas rodas, nas reuniões com o poder público e nas ações de formação para os subgrupos que eles tutelam. Em virtude dessa riqueza de atividades usaremos as seguintes técnicas etnográficas: observação participante e entrevistas semiestruturadas.

A etnografia segundo Creswell tem como foco um determinado grupo que compartilha uma cultura e o pesquisador descreve e interpreta padrões aprendidos e partilhados pelo grupo; a observação participante permite que o pesquisador mergulhe na vida das pessoas e observe, bem como estudem o significado do comportamento, a linguagem e a interação entre os membros do grupo que compartilhem uma cultura, ele afirma que *“a etnografia tem seu princípio na antropologia cultural comparativa no início do séc. XX através de Boas, Malinowski, Radcliffe-Brown e Mead”*. (CRESWELL, 2014, p. 82)

Creswell ainda afirma que *“a etnografia não é o estudo da cultura e sim dos comportamentos sociais de um grupo ou de um subconjunto de um grupo”*, o pesquisador busca

por padrões das atividades mentais através das suas ideias e crenças, expressas por meio da linguagem ou de como se comportam dentro do grupo. O grupo estudado na referida pesquisa será investigado junto à sua organização social, estruturação e sistemas ideacionais (visão de mundo, ideias e ideologias). (CRESWELL, 2014, p. 83)

O grupo estudado enquanto tribo, agrega principalmente ideologias emancipadoras e de insurgência no campo político cultural permitindo que se utilize uma abordagem etnográfica crítica que segundo Creswell é uma pesquisa em que os autores defendem a emancipação dos grupos marginalizados na sociedade, seus pesquisadores são indivíduos com inclinações políticas que procuram por meio da pesquisa se pronunciar quanto a desigualdade e a dominação.

“Os componentes principais de uma etnografia crítica incluem uma orientação imbuída de valores, dando poder às pessoas ao lhes dar mais autoridade, desafiando o *status quo* e tratando de questões relativas ao poder e controle. Um etnógrafo crítico estudará as questões de poder, empoderamento, desigualdade, iniquidade, dominação, repressão, hegemonia e vitimização” (CRESWELL, 2014, pág.84)

Para tanto é necessário uma ruptura na apreciação desses valores e condutas, observar a dinâmica das tribos, requer essencialmente romper com estereótipos, perpassar as imposições normativas que qualificam ou desqualificam, etiquetam e estigmatizam para atender as necessidades de afirmação de uma elite burguesa moldada de acordo com padrões ocidentalizados, patriarcais, machistas, racista, misóginos e sexistas.

Além da observação participante serão aplicadas entrevistas semiestruturadas aos membros do núcleo do grupo estudado; bem como à membros de subgrupos que são tutelados pelas ações do grupo principal; também à população local que como observadora direta das ações realizadas pelo grupo, tem a possibilidade de manifestar-se sobre a incidência dessas ações; serão alvo das entrevistas também membros do poder público local que lidam diretamente com a temática abordada pelo grupo. Os instrumentais de entrevistas serão construídos atendendo aos critérios propostos pelo objetivo de investigação da pesquisa e aos critérios impostos pelo comitê de ética em pesquisa da UNILAB.

Pelo caráter alternativo e multifacetado do grupo, é necessário que o pesquisador ao ir à campo esteja abastecido de uma espontaneidade e não esteja munido de questionários engessados e de polidez extrema. A fluidez, a comunicação e a produção de sentidos se efetivará no contato face a face, de forma fragmentada e não menos rica. A aproximação requer um

engajamento e minimamente uma empatia do pesquisador em relação ao contexto em que o grupo está inserido, nenhum sentimento de estranheza poderá ser aparentado sob o risco do grupo não se abrir ao contato. Ao pesquisador cabe a tarefa de se misturar ao grupo, através do uso de um vestuário similar, aspectos da linguagem, busca de um diálogo pertinente aos interesses grupais, mostra-se colaborativo durante todo o período. A partilha de emoções é singular e subjetiva, portanto o pesquisador deve estar acessível para perceber os traços de construções identitárias, o modo como vivem e as relações de pertencimento que são estabelecidas em seu percurso na coleta dos dados e durante as entrevistas, pelo seu caráter de proximidade com o objeto.

As entrevistas semiestruturadas apresentam vantagens quanto à outras formas de entrevistas, por quanto elas permitem maior flexibilidade e liberdade por parte do entrevistado. Boni e Quaresma entendem que as entrevistas semiestruturada combinam perguntas abertas e fechadas, e o pesquisador tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, ele segue um roteiro de questões previamente definidas e o faz no contexto de uma conversa informal, é necessário atenção do pesquisador para dirigir a discussão até o assunto que o interessa e delimitar o volume de informações. (BONI E QUARESMA, 2005, p. 75)

“Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesses caso, se forem bem realizadas, elas permitirão fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa a sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados” (DUARTE, 2004, p. 215)

Ao pesquisador é atribuída à tarefa de no momento de formular às entrevistas delimitar muito bem seus objetivos, contextualizar as questões de modo que o entrevistado se reconheça ao responde-las, promover um ambiente de conversação informal e ao mesmo tempo que transpareça confiança e credulidade. Ao entrar em campo na observação participante, no ato das entrevistas, o pesquisador deve evitar trajes formais ou que transmitam ideologias, ideias e crenças de forma a evitar julgamentos ou quaisquer tipo de constrangimento ao entrevistado.

A proposta metodológica da referida pesquisa consiste em acompanhar o grupo durante suas atividades, participando durante as reuniões do núcleo coordenativo, nos encontros com os grupos articulados, nas ações de mapeamento, nas atividades pontuais, nos eventos para a comunidade e nas reuniões com o poder público.

Estar ativamente inserido nessas atividades vai permitir ao pesquisador a proximidade necessária para realizar sua coleta de dados, suas percepções, o que vai tornar sua análise mais rica e complexa. Para isso, é essencial o uso do diário de campo, ele será de suma importância durante essas inserções no sentido de permitir ao pesquisador tomar notas de aspectos e detalhes que serão fundamentais na análise dos dados obtidos. O caderno de campo, é uma das ferramentas mais importantes na tarefa de um pesquisador no momento em que ele realizar a sistematização, pois nele devem ser anotados o passo a passo de cada inserção, de forma que ele dê conta de suprir alguma lacuna que os instrumentais não alcançaram. Entretanto o pesquisador deverá exercer certa cautela ao utilizar esse instrumento, a ponto do seu uso não atrapalhar sua espontaneidade durante a coleta.

A pesquisa vai permitir o uso combinado dos diversos métodos descritos acima, a etnografia realizada permitirá o acesso direto à aspectos minuciosos que apenas uma inserção direta e contínua em campo permite. Agier descreve que o etnólogo caminha lentamente da observação à interpretação, da prática à teoria. Segundo ele “Iniciação, lição, aprendizado, exercícios: são palavras que nascem de uma longa relação com as pessoas de seu campo”

“Os grandes acontecimentos assim como os pequenos momentos da vida ele acredita ser possível transformá-lo em uma riqueza: uma cultura em formação, uma política dos lugares, uma inovação social. Ele passa um tempo imenso a observar a vida cotidiana, para lhe reconstituir a forma e o sentido na escrita de um texto, às vezes de um filme, agora também em um produto multimídia. As dores, as alegrias, as interrogações das pessoas que ele encontra e, sobretudo, suas respostas aos problemas, às vezes, às desgraças, que se apresentam a elas, constituem a base e a “matéria” de sua reflexão”.

(AGIER, 2015, p. 10)

6-REFERÊNCIAS.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, Alagoas: Edufal, 2015, p.10.

BAUMAN. Zygmunt. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Zahar. 2013.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a Entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n.1, p.68-80, Jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>.

CAMPOS, Ricardo. **Juventude e Visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis**. Sociologia, problemas e práticas, nº. 63, p. 113-137, 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292010000200007&lng=pt&nrm=iso>

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre. Artmed. 2010.

_____. **Investigação Qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3ª edição. Porto Alegre. Penso. 2014.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em Pesquisas Qualitativas**. Educar em Revista, Curitiba, v. 20, n. 24, Dez. 2004. p. 213-225. ISSN 1984-0411. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216>.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre. Penso, 2013.

GIOVANNI, J. R. **Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo.** Cadernos de arte e antropologia. V. 4, n. 2, p. 13-27, 2015.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª Ed. São Paulo. Atlas. 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massas.** 5ª ed. Rio de Janeiro. Forense. 2014.

_____. **Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações.** Ciências Sociais Unisinos. v.43, n.1, p. 97-102

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 48-51, 1992.

MOURÃO, Rui. **Performances artistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética de resistência,** Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 4, n. 2, p. 53-69, 2015.

NASCIMENTO, Ricardo. **Das Maltas às tribos: Identidade, Cultura e Hibridismo nos Grupos de capoeira em Portugal.** Colóquio OPJ “Olhares sobre os jovens em Portugal: Saberes, Políticas, Ações. ICS-UL.2011.

PAIS, J. M. e BLASS, L.M. **Tribos Urbanas. Produção artística e identidades.** Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 2004.

RAPOSO, Paulo. **“Artivismo”:** articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. n. 20, p. 60-70. 2002